O PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR E A PESQUISA

Marielda Ferreira Pryjma – FEUSP - marielda@usp.br

1. INTRODUÇÃO

A preocupação em pensar o que demanda a sociedade em relação ao docente, com competência para atender às expectativas deste século XXI, mobilizou estudiosos e pesquisadores da educação a refletirem sobre alguns pontos que consideram necessários. A questão da qualidade na educação está diretamente ligada à formação e desempenho do docente. Um eixo articulador que proporciona esta situação para a necessária efetivação dessa qualidade é a pesquisa. O docente do ensino superior é levado a pesquisar nesse contexto a universidade confronta-se com uma situação complexa: são-lhes feitas exigências cada vez maiores por parte da sociedade ao mesmo tempo em que se tornam cada vez mais restritivas as políticas de financiamento das suas atividades por parte do Estado. A função básica da universidade é o ensino, a pesquisa e a extensão e as suas propostas têm buscado essa articulação em seus projetos institucionais. No entanto, os pesquisadores, que investigam esse nível de ensino, alegam que existe uma acentuada desintegração nesse propósito.

O fato dessa intenção – ensino, pesquisa e extensão – estar registrado nos documentos oficiais dessas, demonstra a importância disso ocorrer. Contudo, essa situação aparece como algo bastante utópico para a realidade das instituições brasileiras. As pesquisas deveriam estar ligadas ao ensino, para que as universidades viessem a buscar a melhoria da sua qualidade. A realidade revela que as propostas estão postas, mas não estão sendo efetivadas. Encontram-se muitas análises e discussões sobre essa tríade, porém observa-se a pouca preparação teórica que o

docente tem para exercer essas funções tão peculiares desse nível de ensino.

A integração entre ensino, pesquisa e extensão é uma exigência e isso não se discute. O que está se questionando é como isso tem ocorrido no interior das instituições do ensino superior e embasado em que marcos teóricos os professores têm realizado pesquisa e atuado enquanto docente.

Existem professores que se dedicam apenas ao ensino e não se interessam pela atividade de pesquisa. Outros, pesquisadores, não participam da distribuição de aulas, não querem entrar em sala de aula, querem apenas se dedicar à pesquisa. Alguns pesquisadores mais titulados eventualmente fazem opção por ministrar aulas exclusivamente na pós-graduação. (CARVALHO M. A., 1997, p. 69)

A formação para a pesquisa do professor do ensino superior é que deu início a esta proposta de investigação. A equipe de professores que atua nesse nível de ensino não tem, obrigatoriamente, formação para a docência e tampouco para a pesquisa como requisito para o exercício profissional. Os professores que participaram desta investigação não pertencem ao quadro das licenciaturas, isto é, não tiveram uma formação inicial para a docência. Além desta característica, a formação para a pesquisa, advinda dos programas de pós-graduação strictu sensu, não assegurou que este profissional tivesse autonomia para fazer pesquisa. Esses profissionais tornaram-se professores e pesquisadores sem perceber a dinâmica complexa que envolve esta situação.

Os profissionais de outras áreas sentem dificuldade de compreender o verdadeiro objeto de estudo da educação. É fácil imaginar a distância que existe entre administradores, advogados, fisioterapeutas, entre outras áreas, e os pedagogos, quando o tema de discussão é o objeto de trabalho de cada um. Na concepção desses profissionais, o pedagogo atua numa área complexa, sem objeto concreto e totalmente teórico, sem articulação e aplicabilidade prática. (PRYJMA, 2006).

A justificativa e objeto desta investigação surgiram neste meio. Os professores são levados a realizar pesquisa no interior das instituições de ensino no momento em que precisam orientar os trabalhos de conclusão de curso. Nem todos os docentes freqüentaram cursos de pós-graduação em nível de mestrado e/ou doutorado e orientar tais trabalhos gera certa insegurança nos mesmos. Das situações mais simples, como a formatação de um texto acadêmico, até as mais complexas que envolvem a coleta de dados e a análise dos resultados desencadearam dificuldades.

A metodologia escolhida buscou na pesquisa com abordagem qualitativa a sua fundamentação e estruturação. Os resultados parciais apresentados foram mediados a partir de uma análise crítica sobre o contexto investigado, considerando, principalmente, a interação existente entre o investigador e os sujeitos investigados. Como os resultados são complexos para análise, o reconhecimento deles provém de critérios que foram definidos *a priori* pela pesquisadora em relação ao objeto pesquisado, "não se trata, portanto, de uma discussão sobre técnicas qualitativas de pesquisa, mas sobre maneiras de fazer ciência" (MARTINS, 2004, p. 291).

2. O ENSINO SUPERIOR, A FORMAÇÃO DOCENTE E A PESQUISA

A origem do ensino superior está vinculada à constituição de instituições formais de ensino que atendesse às exigências sociais. O conhecimento sempre foi o objeto central da universidade e a sua função deveria ser a transmissão de um saber culturalmente construído e acumulado. Estes sistemas de ensino tiveram características peculiares e estruturas complexas, já que visavam à formação de intelectuais especializados que mantivessem a direção política, econômica, profissional, cultural entre outros fatores, da sociedade através do conhecimento.

A universidade após o renascimento passou a ter uma responsabilidade com o desenvolvimento da ciência moderna, ampliando e

diversificando, definitivamente, o conhecimento do homem. Essa situação desencadeou uma nova formatação institucional substituindo a formação cultural pela formação profissional e dividindo as universidades em escolas superiores (REIS FILHO, p. 196).

> As funções das universidades passaram a ser de absorver, aplicar e difundir o saber humano, considerando este, basicamente, fruto da atividade intelectual dos grandes centros de produção técnico-científica das nações desenvolvidas. A função específica da universidade é, então, da atualização histórica, de manter informada a clientela intelectual do resultado da investigação realizada a partir de problemas exógenos e distante das necessidades, interesses e dificuldades nacionais (REIS FILHO, p. 197)

A formação de pesquisadores, pelos programas de pós-graduação, ocasionou o vínculo desses com a docência nas universidades, já que eram contratados para o exercício do magistério. Esses profissionais passaram a compor o quadro de professores admitidos a partir de concursos públicos, vinculados a um plano de carreira institucional e viriam a assegurar que a expansão quantitativa do ensino superior ocorresse. Assim, os professores seriam, simultaneamente, responsáveis pela docência e pela pesquisa nas instituições de ensino e formariam um quadro de intelectuais que buscariam a superação dos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais encontrados na sociedade brasileira.

A política para o ensino, a pesquisa e a extensão, bem definida pelo Estado, buscou ampliar o número de produções científicas na medida em que oportunizou a formação de pesquisadores e docentes nos programas de pós-graduação. O propósito desta formação está na ampliação do número

de pessoas que saibam produzir novos conhecimentos e na divulgação dessa produção científica.

A institucionalização da pesquisa científica como uma das funções universitárias difundiu-se, desde o início do século XIX em Berlim, para os diferentes continentes (DURHAM, 2006, p. 86). A partir daí, a universidade passou a ser a responsável pelas pesquisas científicas.

A modernização da universidade coincidiu com a necessidade do desenvolvimento econômico e social do país e a atualização das universidades brasileiras, na primeira metade do século XX, buscou na pesquisa uma das suas reestruturações. A preocupação com a independência intelectual motivou a busca pelo rompimento com os centros de produção intelectual que definiram os modelos das universidades brasileiras[1]. O caminho encontrado para essa independência foi à criação e institucionalização dos programas de pós-graduação, em nível strictu sensu, para a ampliação e legitimação das pesquisas no país.

O profissional que atua como docente no ensino superior apresenta características bastante peculiares se comparadas a outras profissões existentes na sociedade. Essas características tem tornado a sua atuação pouco profissionalizada. Em virtude de um conjunto de fatores e compreendê-los tornará mais fácil entender a dinâmica desse nível de ensino no país, sua história e seu possível futuro.

A disseminação dessas instituições no Brasil, advindas das políticas propostas dos governos, colaborou para que a educação superior passasse a ser analisada, pesquisada e entendida por muitos investigadores e essa situação é bastante simples para se compreender. Para atuar como docente é necessário ter uma formação em nível de pós-graduação, inclusive lato sensu, para ministrar aulas em diferentes cursos de graduação. Não implica em uma qualificação para a docência, sendo comumente articulada ao nível

[1] A criação da Universidade de Brasília, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, da Universidade de São Paulo, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entre outros, estimularam a busca pela autonomia intelectual brasileira (CUNHA, P.173-174).

de graduação do próprio profissional, e se estiver vinculada a proposta da disciplina que uma instituição oferta em seus cursos, será suficiente para que esse profissional se torne um professor.

Dentro deste contexto esses professores, designados como docentes, buscam em sua experiência profissional e acadêmicas as bases para a sua atuação enquanto professor, gerando diversos conflitos e ocasionando múltiplos problemas para esse nível de ensino.

Esses profissionais são frutos do próprio processo em que estão inseridos e a busca pela docência, independente da razão primeira, foi ocasionada pela própria oferta de vagas existentes. Ao se encaixarem nas condições para atuação, passam de profissionais do mercado para professores universitários em questão de horas e iniciam uma nova carreira profissional sem, muitas vezes, um apoio teórico para isso.

A atuação em instituições de ensino superior implica, além da docência, a pesquisa e a extensão. Aqui a ausência de preparo para a atuação nesse nível de ensino se agrava. Esse professor é levado a realizar e orientar pesquisa, disseminar os seus resultados sem o devido preparo teórico e metodológico para essa situação. De um agente do mercado ele se torna um professor e pesquisador do ensino superior, com uma responsabilidade prática bastante distante do seu preparo teórico. Essa descrição não se encaixa na totalidade dos docentes desse nível, mas o número dos envolvidos nessa realidade é grande e suficiente para comprometer, como um todo, o ensino superior no país.

O trabalho docente é considerado uma atividade complexa por apresentar inúmeras faces para sua efetivação. A escola não tem sido, nesse contexto globalizado e tecnológico, a única detentora de saber. Anos atrás, era possível destinar a mesma responsabilidade pela construção do saber. As mudanças advindas pelo contexto mundial despertam o interesse por conhecimentos que estavam distantes nós. Os meios de pesquisa restringiam-se a obras e periódicos e nem sempre possibilitavam a compreensão plena dos conhecimentos.

Nesse contexto está o professor do ensino superior preocupado com a transmissão do saber e voltado aos procedimentos mais tradicionais de ensino e aprendizagem, sem se dar conta que o meio social se transformou totalmente. Ele utiliza horas em aulas expositivas apresentando um saber que muitas vezes não demonstra articulação alguma com a realidade atual.

> Que sentido pode ter para eles ouvir *docentes que falam, falam e falam*... se suas falas continuam limitadas aos manuais didáticos ou, o que é pior, logo mais poderão ser acessadas nas apostilas que seus mestres depositarão nos *serviços de xerox* de tempos em tempos? Por que ainda continuamos a dar aulas, limitando-nos à exposição de conhecimentos se esses estão acessíveis sob várias formas aos nossos alunos e, certamente, de modo muito mais atraente que nossas cansativas aulas? Por que continuamos presos a formas de ensinar e aprender que tinham razão de ser até cerca de 30 anos atrás se tudo mudou em termos de acesso ao conhecimento?. (BALZAN, 2008, p. 553).

Transformar as práticas docentes deve ser uma condição primordial para acompanhar esse novo mundo, para que a escola atenda a essas novas necessidades do mundo do trabalho. A sociedade está em plena transformação e as instituições de ensino necessitam acompanhar esse processo. Se a escola é a responsável pela formação dos cidadãos que convivem na sociedade, ela precisa entender e perceber quais são essas necessidades sociais vigentes, o que o mundo do trabalho tem requerido desses cidadãos, futuros profissionais e quais competências e habilidades serão necessárias para atuar nessa sociedade dinâmica e complexa.

> É preciso que os professores possam vislumbrar perspectivas de crescimento profissional e de

> continuidade de seu processo de formação. Se, de um lado, há que se repensar a própria formação, em vista dos desafios presentes e das novas exigências no campo da educação, que exige profissionais cada vez mais qualificados e permanentemente atualizados, desde a educação infantil até o ensino superior, por outro lado, é fundamental manter, na rede de ensino e com perspectivas de aperfeiçoamento constante, os bons profissionais do magistério. (CARVALHO, 2008, p. 220)

A transformação das práticas escolares está diretamente vinculada à formação do professor que pretende atuar nessas instituições de ensino. O mercado de trabalho está exigente e o professor, que deve se perceber como profissional da educação, tem que também atender essas necessidades. A tônica do mercado atual exige resultados, qualidade e excelência. As instituições de ensino superior, em grande parte privadas, passaram a ser consideradas como empresas dentro desse mercado competitivo. Toda empresa necessita ter cliente e os clientes das instituições de ensino passaram a ser os nossos alunos. Os professores são os profissionais empregados dentro dessas empresas e também necessitam demonstrar competência e qualidade em seus serviços. Se a excelência é uma exigência, "ser um bom professor" tende a atender essa nova demanda do mercado.

No entanto, ser um bom professor não tem sido tarefa muito fácil para essas pessoas. Encontram-se, com freqüência, profissionais pouco preparados para a docência, enfrentando situações das mais adversas nesse contexto. Apesar de todos os recursos tecnológicos que se pode encontrar nessas instituições, esses profissionais ainda demonstram insegurança para atuação, que é gerada pela ausência de conhecimento sobre a natureza do trabalho docente. Inúmeros conflitos surgem aí: equívocos conceituais, problemas com relacionamentos interpessoais, falta de autoridade, conflitos

advindos de avaliações mal elaboradas, comprometendo diretamente a categoria profissional e a construção da sua identidade.

Para ser professor é necessário que ele atenda as necessidades educativas. Entende-se que a docência é complexa e apresenta diversas variáveis em seu entorno como: as condições adversas do trabalho no que se refere a salários, carga horária; apoio pedagógico institucional; é estimulado e cobrado a publicar artigos em revistas científicas, a participar em eventos, congressos, seminários; necessita participar, algumas vezes, de reuniões de colegiado e muitas vezes estar disponível para participar de atividades institucionais entre outras atribuições. Todavia, outras áreas profissionais também têm a mesma dinâmica e a formação dos docentes somente irá minimizar os problemas advindos dessa situação.

O desenvolvimento profissional depende da aquisição de saberes direcionados à ação docente: domínio dos conhecimentos específicos das disciplinas; informações sobre os alunos e sobre o contexto social em que eles estão inseridos; os propósitos institucionais alocados para cada disciplina /curso e as situações vivenciadas em sala de aula. O docente é um profissional único e por isso que a prática dessa função é a única também.

A permanente formação, o contínuo contato com os estudos acerca do trabalho docente levam o professor a refletir sobre a sua prática cotidiana. O domínio dos conteúdos de ensino deveriam ser condições essenciais para o exercício do magistério. Independente da formação inicial para docência, ela necessita aprimoramento constante em relação ao conhecimento docente.

Carvalho, ao analisar a articulação entre pesquisa e ensino na Universidade de Londrina, Paraná, argumenta que a dicotomia entre ensino e pesquisa foi solucionado na teoria, no entanto as práticas institucionais ainda divergem do seu propósito. (CARVALHO M. A., 1997).

Se o professor que pesquisa não está em sala de aula, não está discutindo os resultados de seus trabalhos com os alunos e se o professor

que não pesquisa está em sala de aula, o aluno está provavelmente recebendo informações não provenientes da produção cientifica do próprio professor. (CARVALHO M. A., 1997, p. 69)

> Um docente de ensino superior não pode prescindir da pesquisa de seu campo de especialidade, tanto no sentido de manter-se atualizado, como no sentido de participar da construção dessa atualização, pois os conhecimentos estão sempre em construção. Para o bom exercício da docência universitária não se dispensa a interação intensa entre produção do conhecimento e atividades de ensino (GATTI, 2003, p.79).

Entende-se que os professores que apenas ministram aulas e não produzem conhecimentos através da realização de pesquisas têm mais dificuldades com relação ao domínio de conteúdos e segurança ao discuti-los. Para esclarecer as dúvidas pertinentes aos assuntos de suas aulas, deveriam se valer das pesquisas para facilitar essa compreensão, já que por não tratarem profundamente esses temas não estão familiarizados com as particularidades dos conhecimentos em construção (CARVALHO M. A., 1997, p. 69).

Os problemas que envolvem a relação entre a universidade e sociedade não se localizam no campo dos interesses daqueles que desejam a universidade como extensão de seus negócios econômicos e objetivos políticos. Os problemas são de outra ordem, cabendo à universidade mudar e melhorar o ensino e a ciência que pratica, é certo, mas orientada para outros fins não podem ser outros senão empreendimentos sociais de interesse público geral, que promovam o bem-estar humano, a justiça, a democracia e a liberdade – coisas que, a dizer a verdade, nossas elites econômicas e políticas continuam a ignorar. (SOUSA FILHO, 2006, p. 176).

Em pesquisas recentes sobre a formação do professor do ensino superior (PRYJMA, 2006) foi possível verificar que o docente que atua nesse nível de ensino tende a responsabilizar o outro (o aluno, a instituição) por suas dificuldades profissionais. Em relação à pesquisa, essa condição se efetiva novamente e os alunos apresentam desmotivação, falta de interesse e pouca dedicação para realizarem os seus trabalhos de conclusão de curso.

3. O PROFESSOR E A PESQUISA: ANÁLISES PRELIMINARES

A pesquisa sempre foi uma preocupação na Instituição de Ensino Superior em que esta investigação ocorreu. As monografias, em particular, foram pauta de inúmeras reuniões e propósitos. É neste contexto que a formação docente para a pesquisa vem ocorrendo.

Esta Instituição de Ensino tem proporcionado diversas oportunidades de formação contínua aos seus professores e possibilita a sua participação na efetivação de sua proposta de ensino. A elaboração do projeto político institucional foi um exemplo desta disponibilidade e essa contou com a participação de uma equipe de professores e profissionais que conduziram a sua estruturação.

A principal questão levantada durante a elaboração do projeto institucional seria colocá-lo em prática e a equipe envolvida tinha receio de que o que estaria proposto não fosse efetivado. No entanto, isso não ocorreu e foi criado um núcleo pedagógico que buscou assegurar que a proposta, surgida entre a equipe de profissionais efetivamente acontecesse.

Por ter participado da equipe do projeto político institucional e do núcleo pedagógico, tive a oportunidade de ouvir os professores em diferentes momentos do cotidiano acadêmico e o assunto "monografia" sempre ocupou espaço de destaque entre as conversas. As mesmas geram conflitos, desgastes, desavenças e desconfiança entre alunos e professores. Foi aí que a pesquisa passou a ser o meu objeto de estudo.

A primeira preocupação foi tentar entender como os docentes, que estão no ensino superior, percebem e entendem a pesquisa. Para tanto, foi

elaborado um questionário com perguntas abertas e fechadas no intuito de desvelar essa questão. As informações buscavam conhecer a formação inicial em nível de graduação, as experiências profissionais e acadêmicas em relação à pesquisa e as percepções pessoais sobre a temática. Participaram, nesta primeira etapa, professores que atuam no curso de graduação em administração da instituição.

A primeira análise feita sobre o trabalho docente em relação à pesquisa é que, para eles, não haveria teoria que pudesse suprir suas necessidades e dificuldades. A seu ver, fazer pesquisa independe de uma compreensão teórica sobre os elementos que a sustentam e o domínio do conteúdo específico de sua área de atuação seria suficiente para torná-lo um professor.

Nesse sentido, existe uma percepção, do senso comum, que afirma que basta saber para saber ensinar, considerando que o ensino e a pesquisa não são atividades críticas e que o aluno é um mero receptor dos conteúdos que nele são depositados. A docência, em relação ao ensino e a pesquisa, tem sido uma atividade instrumental aonde o professor age para resolver determinadas situações ou problemas. Passar bem o conteúdo tem sido a tônica da competência profissional, negando assim, todo o processo de formação docente necessária para uma boa atuação.

Então, a preocupação que contextualizou esse processo foi o conhecimento que os docentes tinham para orientar pesquisas e que estavam atuando na graduação. Foi confirmado que 48% dos professores respondentes, não receberam formação teórica para a pesquisa e para a prática da docência e 15% dos pesquisados afirmaram que gostariam de ter uma orientação direcionada ao ensino e às questões que permeiam o cotidiano escolar.

Nesse sentido, para 85% dos pesquisados, a experiência que eles próprios adquiriram em sala de aula e no mercado de trabalho, seriam suficientes para atuar como docente do ensino superior e orientar pesquisa. Pode-se concluir que estes professores se consideram auto-suficientes e que a continuidade de formação acadêmica dos mesmos é desnecessária.

Ao serem indagados sobre as bases teóricas em que ocorriam as orientações dos trabalhos de conclusão de curso, neste caso as monografias, eles próprios, contrariando outras respostas apresentadas, analisam os seus resultados, afirmando que talvez não correspondam à realidade a que se propôs desvelar.

> Muitas formas de investigação apenas aparentemente produzem algo novo, isto é, apresentam algumas respostas que confirmam alguns dados coletados, mas não avançam na direção de construir ou acrescentar algo a uma teoria ou mesmo questioná-la. Este me parece o objetivo fundamental de uma investigação. Superar a constatação (estatística ou não) e contribuir para a produção e, inclusive, para a reflexão sobre o conhecimento produzido, o questionamento constante, a procura de alternativas, constitui o ato de investigar, de pesquisar (OZELLA, 2003, p.130).

Para que se possa construir o conhecimento científico, a pesquisa e a metodologia são pressupostos fundamentais sem os quais não se produz a ciência. É importante ressaltar que a atividade científica implica uma relação específica entre sujeito e objeto, dos quais, mediada pela sua interação, surge à possibilidade da construção científica. A pesquisa constitui, portanto, a busca, a investigação, movida pela necessidade de solucionar um determinado problema. Assim, ela é uma procura sistemática, planejada e rigorosa.

Na concepção dos professores deste curso, orientar uma monografia é uma tarefa complicada somente por solicitar muitos detalhes em relação à formatação do texto, a estrutura do trabalho e normas para referenciar os autores. O compromisso em apresentar resultados científicos com o devido rigor da ciência não foi encontrado em nenhum depoimento.

No questionário foi indicado o interesse dos professores pela temática e a necessidade de um estudo sistemático sobre o tema. A partir dessas percepções foi criado um curso de formação para a pesquisa[2]. Considerando estas perspectivas, o desenvolvimento da formação contínua aconteceu em diversos âmbitos, formas, propósitos e condições. O importante é que a mesma partiu das necessidades identificadas pelos próprios docentes.

O curso de formação foi estruturado especificamente para os professores que atuariam como orientadores dos trabalhos de conclusão de curso – monografias – nessa instituição. A participação deles estaria vinculada à orientação e as condições criadas para essa formação possibilitariam debater, esclarecer, apresentar estudos e leituras de situações que envolvessem o cotidiano desse processo.

Os professores participantes elencaram um rol de temas pertinentes e a sua proposição foi estruturada a partir dessas expectativas e necessidades. O acompanhamento dos resultados está confirmando que essa atividade é essencial para a real modificação e compreensão do trabalho docente. O grupo que participa desse curso, no tocante a orientação de pesquisa, se aproximou e abriu espaço para discussão sobre a prática docente, mudando sua concepção sobre educação e pesquisa.

A experiência, enquanto orientador e pesquisador, estão sendo discutidas, analisadas e refletidas para que, de forma coletiva, se compreenda que a formação teórica subsidia a prática e somente a partir dela que essa ser alterada, reestruturada, mantida ou transformada.

Ser professor significa estar disponível e aberto para o contínuo aperfeiçoamento profissional, pois se constitui de diferentes formas porque são oriundas de diferentes sujeitos. À docência é uma atividade única, da mesma maneira que o professor é um profissional único. Ele tem uma

[2] Esse curso foi uma das ações planejadas para superação desse problema. A criação de um centro de estudos e pesquisas em Administração, a elaboração do regulamento da monografia, a definição das linhas de pesquisas do curso, a pesquisa prática da área administrativa são algumas das ações que estão possibilitando a melhoria do processo como um todo.

história de vida, uma profissional, faz parte de um contexto social, político, cultural e a soma desses fatores contribuiriam na formação do professor.

Os desafios contemporâneos e a ausência de formação para a pesquisa pode conduzir o professor ao isolamento da sala de aula. Assim, a pesquisa necessita de compreensão da sua própria proposta para que seja válida e repensá-la na educação superior é uma exigência cada vez maior para as universidades.

A perspectiva sobre a continuidade dessa formação já é percebida pela equipe e por outros cursos de graduação. Os resultados surgirão lentamente, na medida em que os alunos e os professores, do curso, desenvolvam e orientem monografias, já que o intuito é percebê-las como reflexões teórico-práticas essenciais para a formação acadêmica. O eixo integrador desse processo deve ser a percepção de que a segurança, o domínio na atuação do docente, o compartilhamento das frustrações e suas conquistas, podem possibilitar, a esses profissionais, novas concepções sobre o papel do professor.

REFERÊNCIAS

BALZAN, Newton Cesar. Como e por que inovar na educação superior. In: EGGERT, E.; TRAVERSINI, C.; PERES, E.; BONIN, I. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CARVALHO, Janete Magalhães. A cooperação como poder constituinte da formação continuada do coletivo escola-universidade: tarefa quixotesca? In: EGGERT, E.; TRAVERSINI, C.; PERES, E.; BONIN, I. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

CARVALHO, Maria Aparecida Vivian de. Articulação pesquisa/ensino na universidade brasileira. Londrina, PR: Editora UEL, 1997.

DURHAM, Eunice R. A Autonomia universitária: extensão e limites. In: STEINER, J. E.; MALNIC, G. Ensino superior: conceito e dinâmica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GATTI, B. A. Formação do professor pesquisador para o ensino superior: desafios. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2003. n.16, 1º sem

MARTINS, H. H. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa. São Paulo: FEUSP. V. 30, n. 20. Mai/ago de 2004.

OZELLA, S. Pesquisar ou construir conhecimento – o ensino da pesquisa na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B. *A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PRYJMA, Marielda Ferreira. A importância da pesquisa para a formação contínua do professor. Anais do XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Recife, 2006.

SOUSA FILHO, Alípio. O ideal de universidade e de sua missão. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.